



PULSÃO DE MORTE EM FREUD: ENTRE A ESPECULAÇÃO E A CLÍNICA

DEATH DRIVE IN FREUD: BETWEEN SPECULATION AND CLINIC

Henrique Lopes e Camanducaia¹

RESUMO: O presente artigo analisa os principais substratos empíricos e clínicos do conceito de pulsão de morte através da leitura atenta do primeiro texto em que o conceito é formulado e do segundo grande texto em que está presente, respectivamente *Além do Princípio de Prazer* e *O Ego e o Id*. Partiu-se da hipótese que a pulsão de morte é introduzida na metapsicologia freudiana com forte apelo aos argumentos biológicos e ganha mais consistência a partir de 1923, com os conceitos de defusão, agressividade, sentimento de culpa e superego. O sentimento de culpa aparece como chave de leitura fundamental em *O Ego e o Id* ao associar a agressividade à pulsão de morte como um substrato consistente do conceito. O artigo, por fim, evidencia como a pulsão de morte se associa mais facilmente à dimensão clínica a partir de então.

PALAVRAS-CHAVE: Pulsão de morte; Agressividade; Sentimento de culpa; O Ego e o Id.

ABSTRACT: This article analyzes the main empirical substrates and clinical concepts of death drive through a careful reading of the first text, in which the concept is formulated and in the second main text it is present, respectively, *Beyond the Pleasure Principle* and *The Ego and the Id*. It was hypothesized that the death drive is introduced into Freudian metapsychology with strong appeal to biological arguments and has gained more consistency since 1923, with the concepts of defusion, aggression, sense of guilt and super-ego. The sense of guilt appears as a reading key in *The Ego and the Id* in associating aggression with the death drive as a consistent substrate of the concept. Finally, the article shows how the death drive is more easily associated with the clinical dimension since then.

KEYWORDS: Death drive; Aggression; Sense of guilt; The Ego and the Id.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de pulsão de morte é, ainda, controverso e enigmático, suas interpretações e aplicações se mostraram diversas na trajetória do saber psicanalítico, portanto, parece-nos interessante refletir sobre as apresentações deste conceito no interior do texto freudiano. O primeiro grande texto onde Freud apresenta o tema é intitulado *Além do Princípio de Prazer*, de 1920 e o segundo grande texto onde o conceito deixa sua marca na teoria psicanalítica é em 1923, *O Ego e o Id*, que será analisado mais detalhadamente nesse artigo.

A revisão dos textos freudianos tem o objetivo de verificar os principais substratos que apoiam o conceito de pulsão de morte em sua primeira apresentação em 1920 e, na ocasião do desenvolvimento do conceito, no texto *O Ego e o Id*, de entender o que é acrescentado ao conceito de pulsão de morte. Ao analisar os textos citados, tentaremos compreender a pulsão

¹ Aluno do curso de Psicologia da Unidade Coração Eucarístico, Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 10º período no 1º semestre de 2020. Orientadora: profª. Drª. Jacqueline de Oliveira Moreira. Email: henriquecamanducaia@hotmail.com

de morte freudiana bem como as teorizações que endossam este conceito, se estão relacionadas a argumentos especulativos ou ao material clínico.

Acreditamos que a construção do conceito de pulsão de morte possibilitou a ampliação da compreensão sobre a dimensão conflitiva do jogo pulsional e, ainda, ofereceu um espaço de reflexão sobre a ideia de morte na atividade psíquica. Entende-se necessário ao estudo desse conceito um mapeamento detalhado de sua inserção na metapsicologia freudiana; tal mapeamento será realizado a partir da apresentação do conceito em 1920 e sua ampliação no segundo grande texto em que a pulsão de morte marca presença.

Parece-nos importante ressaltar que localizamos uma diferença na forma como Freud apresenta a pulsão de morte nos dois textos. Em *O Ego e o Id*, a pulsão de morte aparece mais fortemente articulada à ideia de agressividade, que consideramos um substrato deste conceito e ao sentimento de culpa, elemento chave em toda esta teorização. No *Além do Princípio de Prazer*, temos uma apresentação feita com grande “liberdade teórica”, se aproximando mais da especulação e com menor conexão com substratos clínicos e empíricos.

Com o termo “liberdade teórica” queremos dizer que Freud insere o conceito de pulsão de morte de maneira rápida, menos didática que de costume, com grande apoio em argumentos biológicos, e isso talvez seja um fator que fez o conceito permanecer controverso até hoje. Inicialmente, os principais substratos da pulsão de morte são, em nossa proposição, que acompanha Silva (2015), a compulsão à repetição, tendência à regressão e princípio de Nirvana.

Em 1915, Freud diz que a atividade científica se desenvolve a partir das observações e de ideias abstratas; apesar da influência das observações clínicas em tais ideias, sugere, ainda, que a dimensão da especulação está presente no desenvolvimento de qualquer atividade científica. Nas palavras de Freud (1915/1996)²:

O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. Mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas idéias abstratas ao material manipulado, idéias provenientes daqui e dali, mas por certo não apenas das novas observações. (FREUD, 1915, v. 14, p. 123).

Nossa proposição é a de que o conceito de pulsão de morte, em sua primeira aparição, está mais correlacionado à dimensão especulativa e, em 1923, ganha maior consistência a partir da relação que estabelece com a agressividade e o sentimento de culpa em um senso

² A data entre parênteses indica a data da edição consultada; que só será indicada na primeira citação da obra no texto. Nas seguintes, será registrada apenas a data da publicação original.

empírico e clínico. Ao analisar *O Ego e o Id*, será necessário que nos atenhamos apenas às discussões relevantes ao recorte escolhido, portanto, nos eximimos de apresentar toda a riqueza da obra.

2 PULSÃO DE MORTE E “ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER”: FREUD E UM DESAFIO

No começo de *Além do Princípio de Prazer*, Freud revisita sua teoria do princípio de prazer indagando, pois, se existe algo além do princípio de prazer, utilizando-se de exemplos como o jogo do *'fort-da'* e a resistência no processo analítico, onde observou um importante elemento, a compulsão à repetição. Sem negligenciar as observações relevantes de Freud (1920/1996)³ que aproximam o *'fort-da'* da compulsão à repetição: “[...] o primeiro ato, o da partida, ser encenado como um jogo em si mesmo, e com muito mais frequência do que o episódio na íntegra, com seu final agradável.” (FREUD, 1920, v. 18, p. 25), o autor não concebe este jogo como uma compulsão à repetição operando além do princípio de prazer já que a criança poderia, muito bem, tentar reviver ativamente uma experiência durante essa repetição observada no jogo.

Freud tenta a teorização de uma compulsão à repetição que se distancie do princípio de prazer e, conforme se aproximou do tema pela compulsão à repetição observada no *'fort-da'*, não conseguiu nela um exemplo claro de uma repetição que não fosse motivada por uma produção de prazer. Ou seja, a possibilidade da criança se utilizar da brincadeira como forma de passar da passividade à atividade, resultaria em prazer, tornando tal operação vinculada, ainda, ao princípio de prazer, conforme nos revela o autor:

Assim, ficamos em dúvida quanto a saber se o impulso para elaborar na mente alguma experiência de dominação, de modo a tornar-se senhor dela, pode encontrar expressão como um evento primário e independente do princípio de prazer. Isso porque, no caso que acabamos de estudar, a criança, afinal de contas, só foi capaz de repetir sua experiência desagradável na brincadeira porque a repetição trazia consigo uma produção de prazer de outro tipo, uma produção mais direta. (FREUD, 1920, v. 18, p. 26).

A resistência no processo analítico, contudo, é apresentada como processo que já se distancia do princípio de prazer ao encenar experiências antigas sem qualquer aprendizado, conduzindo apenas ao desprazer, sem alternância entre desprazer-prazer já prevista neste

³ A data entre parênteses indica a data da edição consultada; que só será indicada na primeira citação da obra no texto. Nas seguintes, será registrada apenas a data da publicação original.

mesmo princípio de prazer. Essa repetição de experiências antigas, que só geram desprazer, segundo Freud (1920), seria um artifício pobre (em termos de evitar o desprazer) em relação aos sonhos e lembranças na situação analítica.

O que está em questão, portanto, conforme artifício pobre para evitar o desprazer, é sua forte presença na clínica, o paciente apresenta tal resistência, a despeito do princípio de prazer, sob a pressão de uma compulsão. A resistência não marca definitivamente o conceito de pulsão de morte, mas já aparece como um processo que se afasta do princípio de prazer, o que inicia a investigação quanto a qual outro princípio rege a atividade psíquica.

Ou seja, nesses dois exemplos (o jogo do *'fort-da'* e a resistência no processo analítico), os fenômenos operam sob a pressão de uma compulsão, mas, ainda, não estão associados à pulsão de morte; embora a elaboração com base nessas observações tenha se mostrado inconclusiva, o elemento de compulsão à repetição é mantido com especial importância visto que provavelmente opera, também, vinculado a outras tendências que não o princípio de prazer. O autor se propõe a analisar quais outras forças estão vinculadas à compulsão à repetição e é este movimento que irá produzir o conceito de pulsão de morte.

Freud adianta o caráter especulativo das considerações que seguem o texto:

O que se segue é especulação, amiúde especulação forçada, que o leitor tomará em consideração ou porá de lado, de acordo com sua predileção individual. É mais uma tentativa de acompanhar uma idéia sistematicamente, só por curiosidade de ver até onde ela levará. (FREUD, 1920, v. 18, p. 34).

Em nenhum momento questionamos a relevância das considerações freudianas ou o estilo do autor, apenas ressaltamos, conforme o momento de análise de *Além do princípio de prazer*, a maneira que Freud insere o conceito na metapsicologia. O raciocínio freudiano se desenvolve para a análise de uma hipotética vesícula viva e sua crosta, tentando entender como ela reagiria aos processos excitatórios.

O que parece instigar o autor é a série prazer-desprazer e como as energias excitatórias fariam tal vesícula trabalhar. Lembramos que o princípio de prazer se assemelharia ao princípio de constância, no sentido que manter a estabilidade das excitações seria percebido como prazeroso pelo aparelho psíquico, que no argumento freudiano seria tal vesícula.

Em seu caminho para compreender como seria essa força além do princípio de prazer, Freud analisa como o aparelho psíquico reage a uma situação traumática, sinalizando uma situação onde o princípio de prazer seria momentaneamente interrompido. Isto ocorreria por

uma necessidade urgente de ligar a energia que rompe o escudo da vesícula, conforme revela o autor:

Um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis. Ao mesmo tempo, o princípio de prazer é momentaneamente posto fora de ação. (FREUD, 1920, v. 18, p. 39).

Embora a citação referencie o trauma externo, Freud considera também que os estímulos provenientes de fontes internas colocariam o princípio de prazer em suspensão da mesma maneira. Mais propriamente, os estímulos provenientes de fontes internas poderiam ser mais preempatórios no processo de suspensão do princípio de prazer, pois não haveria por excelência uma proteção contra tais fontes internas de estimulação, urgindo a ligação de tal energia.

Esta interrupção do princípio de prazer seria um processo independente e urgente (para ligar o excesso excitatório), e depois de concluído, o princípio de prazer voltaria a operar. Tal interrupção frente a um trauma, portanto, não configura o além do princípio de prazer freudiano, contudo, o autor se aproxima do tema gradativamente. Freud indica o percurso que está fazendo, destacando a compulsão à repetição que observou:

As manifestações de uma compulsão à repetição (que descrevemos como ocorrendo nas primeiras atividades da vida mental infantil, bem como entre os eventos do tratamento psicanalítico) apresentam em alto grau um caráter instintual⁴ e, quando atuam em *oposição* ao princípio de prazer, dão a aparência de alguma força ‘demoníaca’ em ação. (FREUD, 1920, v. 18, p. 45, grifo nosso).

O grifo salienta que a oposição com o princípio de prazer que Freud procura não é expressa na suspensão do princípio de prazer nos acontecimentos traumáticos e não, também, no ‘*fort-da*’, onde repetir a experiência pode ser prazeroso. O autor parece conduzir a investigação pensando que a compulsão à repetição operaria conforme as “atividades da vida mental infantil” (FREUD, 1920, v. 18, p. 45), ainda no processo primário, através de uma energia sem ligação. Freud parece conseguir aproximar a compulsão à repetição, observada na resis-

⁴ Em todos os volumes da *Edição Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* a tradução do termo *Trieb* equivale a *instinto*, contudo, representa o conceito de *pulsão*. Conforme indica Tavares (2011) em uma atenta leitura das traduções do termo *Trieb*, a tradução pelo termo *instinto* aproxima demasiadamente o termo *Trieb* de um sentimento natural, de um instinto biológico, em detrimento do que tentamos destacar com o termo *pulsão*, um conceito limite entre o somático e o psíquico, que é a força motriz do psiquismo. Optamos por tratar o *Trieb* freudiano como *pulsão* em todo o texto, salvo nas passagens das edições mencionadas onde consta a tradução *instinto*. Neste exemplo específico o *instintual* é tradução do termo *Triebhaft* e, segundo o editor, transmite um sentimento de urgência, contudo, acreditamos que o termo *pulsão* expressa melhor tal sentimento sem correr o risco da biologização do *Trieb* freudiano e sem perder a característica de força constante do elemento pulsional.

tência em uma situação analítica, do seu além do princípio de prazer ao descrever a resistência como sendo fruto de um assujeitamento, uma atitude propriamente infantil – provocada pela transferência – que se assemelha ao processo primário.

Até o momento, podemos, desta forma, agrupar as elaborações freudianas quanto à compulsão à repetição: a geração de prazer no *'fort-da'* a impede de trabalhar além do princípio de prazer; a suspensão momentânea do princípio de prazer frente os eventos traumáticos é um processo independente e as repetições decorrentes do trauma não se opõem ao princípio de prazer, se assemelhando a uma tentativa de passar da passividade à atividade; E, se considerarmos essa descrição da resistência como atitude infantil, atuando *conforme um processo primário* e que, *por essa razão*, conseguiria atuar sem qualquer busca de prazer, devemos investigar qual pulsão ou *tendência primordial* do aparelho psíquico permitiria tal funcionamento. Aí observamos como elementos especulativos se tornam indispensáveis à construção do conceito no momento que se somam à compulsão à repetição.

A expressão “força ‘demoníaca’ em ação” (FREUD, 1920, v. 18, p. 45), nos remete a algo incontrolável, uma tendência não simbolizada. Esta tendência, não simbolizada, aparenta ser de ordem pulsional. E é esta relação entre a compulsão à repetição com esse elemento pulsional, que guia Freud no rumo de tentar responder qual seria essa tendência primordial, em outras palavras, *qual* seria esta pulsão que opera além do princípio de prazer.

Nas palavras do autor: “*Parece, então que um instinto é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas*, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas [...]” (FREUD, 1920, v. 18, p. 46, grifo do autor).

Freud afirma se tratar de uma tendência regressiva da pulsão, uma pulsão de natureza conservadora, e já adianta que uma suposta tendência ao desenvolvimento presente na natureza humana seria apenas porque “a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas” (FREUD, 1920, v. 18, p. 46), tal força regressiva. Ou seja, a tendência primordial desta força, deste elemento pulsional operante no psiquismo, seria uma tendência regressiva, uma busca por restaurar um estado anterior.

Constatação revolucionária, afinal haveria uma tendência, expressa em uma pulsão, que visa retornar a um estado anterior, uma tendência regressiva e não apenas uma força que visa o desenvolvimento do sujeito e de seu psiquismo como se pensava. Mas qual estado anterior? Como entender as forças perturbadoras externas?

Em uma atenta leitura de *Além do princípio de prazer*, Silva (2015) destrincha a obra em termos propriamente freudianos, seguindo atentamente os movimentos do texto e amplia

seu trabalho⁵ com um detalhado estudo sobre autores que poderiam ter influenciado Freud na confecção de sua pulsão de morte. Sua explicação nos auxilia a responder as duas perguntas que elaboramos no parágrafo anterior:

Freud propõe a hipótese de que em algum momento a matéria inanimada recebeu certa quantidade de estimulação por forças desconhecidas. A tensão gerada buscava descarregar-se e assim nasce a primeira pulsão: a de retornar ao estado inanimado. Na medida em que os organismos se tornavam mais complexos, eram obrigados a desvios cada vez maiores em seu caminho rumo à morte. Isso não significa, porém, que esse objetivo havia sido abandonado. (SILVA, 2015, p. 45).

A tendência regressiva desejaria retornar a um estado inorgânico, onde não haveria desejos e por isso seria experimentado como algo similar à plenitude, um estado sem conflitos energéticos perturbadores. O aparelho psíquico, nas elaborações freudianas, trabalharia “para remover a tensão interna devida aos estímulos [...]” (FREUD, 1920, v. 18, p. 64); o que significa que o estado inorgânico, aconflituoso por excelência, é perturbado em algum momento – ao que tudo indica, a partir do próprio momento do nascimento – e, então, nasce uma tendência que visa a restaurar este estado imune às perturbações das excitações pulsionais.

Freud analisa o caminho para a morte nos corpos celulares, em organismos simples e complexos, tentando entender se um organismo seria normalmente direcionado por tais tendências regressivas ou se existiria algum “instinto para a perfeição” (FREUD, 1920, v. 18, p. 52). Embora a discussão se utilize primordialmente de argumentos biológicos, tal conclusão é de extrema importância, pois Freud parece definir seu conceito de pulsão de morte, quando compreende a tendência de regressar ao inorgânico como primeira tendência pulsional.

Acreditamos não subverter o texto freudiano, quando pensamos que a pulsão de morte é definida pela relação da compulsão à repetição com as tendências regressivas e o apelo ao inorgânico. Freud afirma no final do seu texto:

É verdade que minha afirmativa do caráter regressivo dos instintos também se apóia em material observado, ou seja, nos fatos da compulsão à repetição. Pode ser, contudo, que eu tenha *superestimado sua significação*. E, de qualquer modo, é impossível perseguir uma idéia desse tipo, *exceto pela combinação repetida de material concreto com o que é puramente especulativo* e, assim, amplamente divergente da observação empírica. (FREUD, 1920, v. 18, p. 67-68, grifo nosso).

⁵ Não foi possível reproduzir fragmentos da análise empreendida por Silva (2015). Além das obras clássicas analisadas constituírem material de difícil acesso em português – o que seria crucial para a boa apresentação das conclusões do autor –, o recorte deste artigo não contempla este tipo de análise histórica. Contudo, recomendamos a leitura da obra de Silva (2015) para aprofundar o tema da construção da pulsão de morte freudiana.

O termo “superestimado” grifado parece caracterizar o valor que Freud deu à sua compulsão à repetição. Apesar deste material clínico (compulsão à repetição) guiar a investigação e já mostrar alguns processos que atuam além do princípio de prazer ou independentes dele, seu conceito de pulsão de morte só é definido quando materiais especulativos (tendência regressiva e apelo ao inorgânico) são adicionados à resposta. A pulsão de morte fica definida quando a compulsão à repetição é entendida como representante da tendência regressiva pulsional, que busca o inorgânico, um estado livre da tensão excitatória.

Da mesma forma, Silva (2015) parece compreender a construção da pulsão de morte freudiana: “Ao que parece, a compulsão à repetição é a *manifestação* de uma *tendência* à regressão, que obedece na verdade a uma *função* de esgotar a tensão (que seria o princípio de Nirvana).” (SILVA, 2015, p. 53, grifo do autor). A compulsão à repetição, quando operando além do princípio de prazer, estaria operando de acordo com uma tendência regressiva, que busca o retorno ao inorgânico; este retorno, conforme sugere Silva (2015), seria o expoente de uma função de esgotar a tensão.

Apesar da inserção da pulsão de morte através de argumentos biológicos e especulativos, o que talvez tenha feito da pulsão de morte um conceito controverso, o texto tem a principal função de ampliar o entendimento da dimensão conflitiva pulsional. À bem da verdade, Freud elabora um novo dualismo pulsional, que não atende mais *exclusivamente* ao princípio de prazer e se dá entre pulsões de morte e pulsões de vida, em contraposição às pulsões de autoconservação e pulsões sexuais.

Quando falamos de pulsão de morte, necessariamente pressupomos a pulsão de vida e o seu conceito é de igual importância para o entendimento desse novo dualismo pulsional, embora as relações dessas novas pulsões ainda não estejam bem delimitadas neste texto. Uma das primeiras descrições da pulsão de vida é a seguinte: “Trata-se de instintos componentes cuja função é garantir que o organismo seguirá seu próprio caminho para a morte, e afastar todos os modos possíveis de retornar à existência inorgânica que não sejam os imanentes ao próprio organismo.” (FREUD, 1920, v. 18, p. 49).

Embora a pulsão de vida já tenha sua definição no próprio texto de 1920, como uma pulsão que evita os atalhos à morte, garantindo que o organismo morra à sua própria maneira, as relações travadas entre a pulsão de vida e a pulsão de morte não estão completamente definidas. Os mecanismos da fusão e desfusão pulsional e a natureza agressiva da pulsão de morte aparecem de maneira muito discreta no texto de 1920; e, a ampliação destes mecanismos, em 1923, segundo nossa hipótese, confere maior valor clínico e empírico à pulsão de morte.

A palavra “agressividade” aparece apenas uma vez⁶ em *Além do Princípio de Prazer*, como sinônimo de ódio (significado diretamente explicitado pelo autor) e as palavras “desfusão” e “fusão” não apresentam qualquer ocorrência. Isso reforça o caráter introdutório da obra, mas não deve nos impedir de verificar os elementos presentes no texto que prenunciam essas futuras teorizações.

Avisados por uma nota de rodapé da edição consultada, podemos reproduzir a passagem do texto que prenuncia o futuro estudo da fusão pulsional:

Poder-se-ia verdadeiramente dizer que o sadismo que for expulso do ego apontou o caminho para os componentes libidinais do instinto sexual e que estes o seguiram para o objeto. Onde quer que o sadismo original não tenha sofrido mitigação ou mistura, encontramos a ambivalência familiar de amor e ódio na vida erótica. (FREUD, 1920, v. 18, p. 62-63).

Nessa pequena elaboração sobre o sadismo e masoquismo (que só será aprofundada em 1924) percebemos germinar algumas ideias de extremo valor para o novo dualismo pulsional freudiano. Outro momento em que as marcas dessa suposta disposição das pulsões já se fazem presentes, aparece poucas páginas depois:

Se, portanto, não quisermos abandonar a hipótese dos instintos de morte, temos de supor que estão associados, desde o início, com os instintos de vida. Deve-se, porém, admitir que, nesse caso, estaremos trabalhando com uma equação de duas quantidades desconhecidas. (FREUD, 1920, v. 18, p. 65).

A principal inovação do texto é o conceito de pulsão de morte que marca o novo dualismo pulsional freudiano, contudo o conceito é, em grande parte, sustentado por argumentos especulativos. Em 1923, o conceito aparenta ter mais relação com a dimensão clínica e o funcionamento do novo dualismo pulsional é ampliado.

Conforme a proposta deste artigo é analisar a trajetória do conceito dentro da teoria, além de considerar a grande relevância de todos os substratos propostos em 1920, entendemos (excluída a *compulsão à repetição*, por ser um conceito de fácil observação clínica) os conceitos de *tendências regressivas* e *princípio de Nirvana* como teorizações mais especulativas. E só poderemos colocar a agressividade, reforçando uma dimensão clínica e empírica das pulsões de morte, em *O Ego e o Id*.

⁶ Tal mapeamento foi feito através da ferramenta *freudonline*. Disponível em: <http://www.freudonline.com.br/>.

3 PULSÃO DE MORTE E “O EGO E O ID”: UMA LEITURA A PARTIR DA AGRESSIVIDADE E DO SENTIMENTO DE CULPA

A análise do texto será feita, primeiramente, a partir de uma discussão filogenética, que começa em 1913 com *Totem e Tabu* e se mantém em *O Ego e o Id*, a qual contempla a constituição do superego em sua relação com o sentimento de culpa como um possível substrato empírico para pensar o conceito de pulsão de morte; em íntima relação a esta análise, será traçada uma relação do sentimento de culpa com a agressividade no contexto clínico. Em um segundo momento, a agressividade aparece relacionada ao processo de desfusão pulsional, ampliando a compreensão do funcionamento da pulsão de morte. Tentaremos, ainda, demonstrar como a investigação das relações entre *ego*, *id* e *superego* é enriquecida com os conceitos de sentimento de culpa, agressividade e desfusão pulsional.

Essa proposta de análise de *O Ego e o Id* é pontual: optamos por escolher um ponto de reflexão – o sentimento de culpa como principal chave de leitura do texto –, pois consideramos que uma exposição do texto, que segue a ordem das argumentações do mesmo, poderia não ser frutífera para a transmissão de ideias. O texto apresenta o pensamento freudiano em movimento, já que o autor se encarrega da difícil tarefa de explicar a relação entre as instâncias psíquicas sob a luz do seu novo (e ainda enigmático) dualismo pulsional.

Cabe salientar que o sentimento de culpa está presente em *O Ego e o Id*, servindo à compreensão da relação entre as instâncias psíquicas neste novo dualismo pulsional freudiano, e parece constituir material clínico, proveniente da observação. Desta forma, devemos começar nossa leitura em 1913, já que *Totem e Tabu* é um importante texto acerca do sentimento de culpa.

Retomando um pensamento apresentado em *Totem e Tabu*, podemos perceber que uma forte suspeita de Freud quanto ao sentimento de culpa ainda se mantém presente em sua obra; tal suspeita será apresentada e antes de retomar sua aparição em 1923, algumas reflexões necessárias sobre o assunto serão lançadas. Freud (1913/1996)⁷ revela que:

Ninguém pode ter deixado de observar, em primeiro lugar, que tomei como base de toda minha posição a existência de uma mente coletiva, em que ocorrem processos mentais exatamente como acontece na mente de um indivíduo. Em particular, supus que o sentimento de culpa por uma determinada ação persistiu por muitos milhares de anos e tem permanecido operativo em gerações que não poderiam ter tido conhecimento dela. (FREUD, 1913, v. 13, p. 164).

⁷ A data entre parênteses indica a data da edição consultada; que só será indicada na primeira citação da obra no texto. Nas seguintes, será registrada apenas a data da publicação original.

Freud se refere à constituição do superego apoiado no sentimento de culpa. O autor se apoia em um exemplo mítico, do pai primevo e sua horda, e o sentimento de culpa vindo do parricídio, aparece como estruturante do psiquismo. Em 1913, representa um elemento estruturante em nível filogenético, conforme o autor revela que este sentimento de culpa permaneceria operativo mesmo em gerações que não teriam relação com este suposto crime.

Mais que isso, o autor parece compreender que o sentimento de culpa estaria presente em uma determinada pessoa independentemente de qualquer conhecimento do crime; seria uma marca psíquica herdada. Conforme revela na sequência de seu raciocínio: “Não vou fingir acreditar que estes problemas estão suficientemente explicados ou que a comunicação direta e a tradição – as primeiras coisas que nos ocorrem – são suficientes para explicar o processo.” (FREUD, 1913, v. 13, p. 165).

O sentimento de culpa é tratado como fruto de impulsos violentos contra o pai, tenha sido cometido qualquer crime ou não. O teor mítico do texto apresenta estes impulsos violentos em um cenário onde não existiria qualquer conjunto de regras e apresenta os filhos do pai totêmico como sujeitos capazes, diferentemente de uma criança, que destinará tais impulsos violentos contra o pai de acordo com suas possibilidades, através da fantasia, sem impacto real na realidade exterior.

O texto é de grande valor, pois afirma a importância do complexo de Édipo na estruturação psíquica, compreende a marca de um sentimento de culpa primordial presente em todos (justamente em relação a este complexo de Édipo), além de conceber as bases para a moralidade e a organização social. A excelente análise de Moreira (2004) nos ajuda a compreender o texto freudiano:

Na horda primeva, teremos um pai violento, autoritário e possessivo, que provoca e desencadeia o mal-estar, o medo e a inveja nos membros do grupo. A hostilidade contra o pai é tamanha que os filhos planejam sua morte e o devoram em um banquete, possibilitando, assim, a identificação entre os irmãos. A morte do pai poderia destruir a estabilidade social, pois os irmãos são rivais e não existe nenhuma autoridade que demarque os limites entre os indivíduos. Entretanto, o banquete proporciona a introjeção da lei paterna através da incorporação canibalesca. O sentimento de culpa proveniente do ato será a base da moralidade, da nova organização social e da religião. (MOREIRA, 2004, p. 222).

A discussão de *Totem e Tabu* não poderia ser mais especulativa, à primeira vista. Contudo, a alegoria de um inconsciente coletivo onde persiste este sentimento de culpa parece partir da observação, pois surge como uma tentativa de explicar de qual maneira religiões e tradições, que nos impõem um sentimento de culpa ou restrições baseadas em tal sentimento,

bem como o curso de alguns acontecimentos, nos é tão atrativo ou implacável; afinal o sentimento de culpa já estaria presente em todos.

Em *Totem e Tabu*, a investigação freudiana culmina na relação do sentimento de culpa com o complexo paterno, corporificado quando da constituição do superego. Tal sentimento de culpa é de extrema importância na análise de *O Ego e o Id* e por este motivo foi feita uma breve revisão do texto de 1913.

Já em 1923, Freud (1923/1996)⁸, em *O Ego e o Id*, constata:

O superego retém o caráter do pai, enquanto que quanto mais poderoso o complexo de Édipo e mais rapidamente sucumbir à repressão (sob a influência da autoridade do ensino religioso, da educação escolar e da leitura), mais severa será posteriormente a dominação do superego sobre o ego, sob a forma de consciência (*consciência*) ou, talvez, de um sentimento inconsciente de culpa. (FREUD, 1923, v. 19, p. 49, grifo do autor).

O autor faz referência à criação do superego, fazendo referência ao complexo de Édipo, que já se encontra mais bem desenvolvido em sua teoria, e mantém o sentimento de culpa como produto ou percepção da interação do superego com o ego. A ideia de pai, afirmada no complexo de Édipo, parece afastar mais ainda o sentimento de culpa da especulação, conforme seria apreendido na relação do superego com o ego, compreendida através de material clínico.

Para propor a agressividade, como possível substrato clínico da pulsão de morte, é essencial apreender a dimensão clínica do sentimento de culpa, dimensão passível de observação e, portanto, capaz de direcionar a pesquisa psicanalítica. E, para isso, Freud analisa o sentimento de culpa dentro das estruturas clínicas.

Tal investigação é guiada pela natureza do sentimento de culpa, se seria consciente ou inconsciente, sugerindo uma face observável do sentimento de culpa quando apoia sua análise nas estruturas clínicas. Não queremos propor um raciocínio meramente estruturalista, mas nesta breve exposição quanto à natureza do sentimento de culpa, optamos por expor o caminho que Freud toma a partir das estruturas clínicas e que leva às suas conclusões.

A análise da neurose obsessiva revela que o sentimento de culpa é influenciado por processos alheios ao ego, enquanto na melancolia o arranjo é um pouco diferente: “Na neurose obsessiva, o que estava em questão eram impulsos censuráveis que permaneciam fora do ego, enquanto que na melancolia o objeto a que a ira do superego se aplica foi incluído no ego

⁸ A data entre parênteses indica a data da edição consultada; que só será indicada na primeira citação da obra no texto. Nas seguintes, será registrada apenas a data da publicação original.

mediante identificação.” (FREUD, 1923, v. 19, p. 66). Na neurose histérica, através de uma repressão, o ego seria o responsável por manter o sentimento de culpa inconsciente.

Aceitar a existência de um sentimento de culpa consciente, como o caso da melancolia, por exemplo, ou um sentimento de culpa de ambas as naturezas na neurose obsessiva, podendo ser descrito como “super-ruído” (FREUD, 1923, v. 19, p. 66), não invalida o sentimento de culpa em sua natureza inconsciente, que também não é de difícil constatação, conforme revela o autor:

Pode-se ir mais longe e aventar a hipótese de que grande parte do sentimento de culpa deve normalmente permanecer inconsciente, pois a origem da consciência (*conscience*) acha-se intimamente vinculada ao complexo de Édipo, que pertence ao inconsciente. (FREUD, 1923, v. 19, p. 66-67, grifo do autor).

A relação entre as instâncias psíquicas observada no sentimento de culpa⁹ é descrita, em todo o texto, como mortífera e violenta, no sentido dos maus tratos que esse sentimento imputa ao sujeito. Em sua dimensão empírica, na clínica, o sentimento de culpa aparece como grande obstáculo ao restabelecimento: “[...] um sentimento de culpa, que está encontrando sua satisfação na doença e se recusa a abandonar a punição do sofrimento” (FREUD, 1923, v. 19, p. 64).

Neste caso, o cliente reagiria negativamente ao progresso do tratamento, em vez de melhorar, os sintomas e o sofrimento se intensificariam com o passar do tempo. Tal atitude é compreendida além de uma simples resistência, atitude já esperada pelo psicanalista, mas como uma espécie de desejo de autopunição através dos sintomas, um obstáculo muito maior ao tratamento, motivado por este sentimento de culpa.

O superego se mostra ainda mais implacável em sua relação com o ego quando não consegue ligar tal sentimento ao mundo exterior: “É notável que, quanto mais um homem controla a sua agressividade para com o exterior, mais severo – isto é, agressivo – ele se torna em seu ideal do ego” (FREUD, 1923, v. 19, p. 68-69).

Freud diz sobre a agressividade interna, necessitando se ligar ao mundo exterior para ser diminuída. O sentimento de culpa quando em seu trabalho interno, é descrito da mesma maneira, violento e mortífero; e, da mesma forma, o sentimento de culpa parece conseguir se ligar ao mundo externo, a partir do conceito de agressividade.

⁹ Optou-se, após uma breve exposição sobre a natureza do sentimento de culpa (consciente ou inconsciente), trabalhar, neste texto, apenas com o termo sentimento de culpa. Embora em *O Ego e o Id*, Freud considerasse grande parte desse sentimento como inconsciente, ele trabalha primordialmente com a expressão *sentimento de culpa*.

A observação clínica demonstra que encontrar um objeto externo pode representar um alívio para a psique e isso coloca o sentimento de culpa como um poderoso motivador de diversos atos agressivos, com uma força tal, que é capaz de transformar pessoas em criminosos:

Constituiu uma surpresa descobrir que um aumento nesse sentimento de culpa *Ics.* pode transformar pessoas em criminosos. Mas isso indubitavelmente é um fato. Em muitos criminosos, especialmente nos principiantes, é possível detectar um sentimento de culpa muito poderoso, que existia antes do crime, e, portanto, não é o seu resultado, mas sim o seu motivo. É como se fosse um alívio poder ligar esse sentimento inconsciente de culpa a algo real e imediato. (FREUD, 1923, v. 19, p. 67, grifo do autor).

Até o momento, temos uma face observável do sentimento de culpa vinculada aos relatos clínicos como um obstáculo ao tratamento psicanalítico e à agressividade, no caso de sua motivação aos empreendimentos criminosos. Cabe salientar, que o sentimento de culpa é tratado como motivo para a prática de um crime e não como seu produto. Ou seja, a ferocidade da atividade do sentimento de culpa no psiquismo é diminuída quando de uma real transgressão dos limites, afinal, sabe-se, então, do que o ego é culpado.

A palavra “agressividade” aparece dez vezes¹⁰ ao longo de *O Ego e o Id*; de maneira geral, agressividade parece ser compreendida não só como violência e maus tratos no interior do aparelho psíquico associada ao sentimento de culpa, mas também como resultado do processo de desfusão pulsão ao ser expulsa para o mundo externo. Como já traçamos a relação entre sentimento de culpa e agressividade, devemos analisar como Freud compreende o funcionamento do processo de desfusão pulsional.

O processo de fusão/desfusão pulsional já prenunciado em *Além do Princípio de Prazer*, porém, ainda não desenvolvido, começa a ser explicado em *O Ego e o Id*, através de um argumento de base biológica:

Segundo este ponto de vista, um processo fisiológico especial (de anabolismo ou catabolismo) estaria associado a cada uma das duas classes de instintos; ambos os tipos de instinto estariam ativos em toda partícula de substância viva, ainda que em proporções desiguais [...]. (FREUD, 1923, v. 19, p. 56).

As pulsões de vida e as pulsões de morte já estariam associadas em todos os momentos, embora como analisar as proporções das duas forças em sua interação ainda não foi definido. Ainda no começo dessa teorização, temos: “Esse órgão especial pareceria ser o aparelho muscular; e o instinto de morte pareceria, então, expressar-se – ainda que, provavelmente,

¹⁰ Tal mapeamento foi feito através da ferramenta *freudonline*. Disponível em: <http://www.freudonline.com.br/>.

apenas em parte – como um instinto de destruição dirigido contra o mundo externo e outros organismos.” (FREUD, 1923, v. 19, p. 56).

Nos chama atenção, a agressividade ter sido associada ao processo de des fusão desde suas primeiras ocorrências no texto e pensamos que sua possibilidade de observação clínica possa ter ajudado na elaboração deste conceito. Da mesma maneira que a agressividade parece ajudar na investigação, quanto ao funcionamento dos processos de fusão e des fusão pulsional, o sentimento de culpa contribui na explicação dos movimentos dos impulsos agressivos, conforme tentamos demonstrar.

A des fusão pulsional, então, é analisada em sua relação com as instâncias psíquicas e o surgimento do superego. Cabe salientar que o sentimento de culpa e a agressividade, já constatados nas observações clínicas e demais processos psíquicos, são de fundamental importância, pois guiam a investigação freudiana. Conforme nos indica o questionamento do autor:

Como é que o superego se manifesta essencialmente como sentimento de culpa (ou melhor, como crítica – pois o sentimento de culpa é a percepção no ego que responde a essa crítica) e, além disso, desenvolve tão extraordinária rigidez e severidade para com o ego? (FREUD, 1923, v. 19, p. 67).

É a partir deste questionamento, em nossa proposta, que a investigação de Freud visa a estabelecer melhor as relações entre ego, id e superego. Como ressalta Freud (1923, v. 19), o ego busca fazer uma mediação entre o id e o mundo externo, mediação algo difícil já que o id não possui uma vontade unificada e, portanto, o ego precisa se oferecer como objeto libidinal para o id. Neste sentido: “Ele não é apenas um auxiliar do id; é também um escravo submisso que corteja o amor de seu senhor.” (FREUD, 1923, v. 19, p.70).

A investigação desta relação entre as instâncias não pode furtar-se a considerar o elemento pulsional e este movimento configura, ainda mais, uma ampliação dos conhecimentos sobre a pulsão de morte. Freud revela:

Para com as duas classes de instintos, a atitude do ego não é imparcial. Mediante seu trabalho de identificação e sublimação, ele ajuda os instintos de morte do id a obterem controle sobre a libido, mas, assim procedendo, corre o risco de tornar-se objeto dos instintos de morte e de ele próprio perecer. (FREUD, 1923, v. 19, p. 71).

Nosso entendimento de tal operação é de que o ego, de fato, serve, conforme palavras de Freud (1923, v. 19), a *três senhores, o mundo externo, o id e o superego e, como um cavaleiro que não deseja ver-se separado do cavalo, é obrigado a aceitar a direção do id, median-*

do sua vontade com o mundo externo e, como resultado, angariando para si a crueldade do superego, que será percebida como sentimento de culpa.

Tal desenvolvimento nos permite entender a relação desse novo dualismo pulsional: a pulsão de morte e a pulsão de vida operam entre a fusão e a defusão. As pulsões de morte podem ser tornadas inócuas a partir de tal fusão, e, quando acontece tal defusão, deslocadas para o mundo externo ou permanecer em seu trabalho interno, impondo ao ego os maus tratos aplicados pelo superego:

Os perigosos instintos de morte são tratados no indivíduo de diversas maneiras: em parte são tornados inócuos por sua fusão com componentes eróticos; em parte são desviados para o mundo externo sob a forma de agressividade; enquanto que em grande parte continuam, sem dúvida, seu trabalho interno sem estorvo. (FREUD, 1923, v. 19, p. 68).

Freud nos revela, pois, que o aumento da agressividade é decorrente da defusão das pulsões e esta, por sua vez, pode ser destinada ao mundo externo ou permanecer como um estorvo no mundo interno, corporificada em um sentimento de culpa, seja na melancolia, na neurose obsessiva, na histeria ou ainda na resistência através da compulsão à repetição. Assim parece-nos que o conceito de pulsão de morte recebe um substrato clínico a partir da ideia de agressividade e da noção de sentimento de culpa.

O texto de 1923 marca a relação entre as instâncias psíquicas e o funcionamento desse novo dualismo pulsional apresentando, sobretudo, a constituição do superego na sua articulação com a ideia de pai (já apresentada em *Totem e Tabu*), com a pulsão de morte através do ponto da defusão pulsional e, ainda, com o tema da agressividade. Freud revela:

O superego surge, como sabemos, de uma identificação com o pai tomado como modelo. Toda identificação desse tipo tem a natureza de uma dessexualização ou mesmo de uma sublimação [...]. Após a sublimação, o componente erótico não mais tem o poder de unir a totalidade da agressividade que com ele se achava combinada, e esta é liberada sob a forma de uma inclinação à agressão e à destruição. Essa defusão seria a fonte do caráter geral de severidade e crueldade apresentado pelo ideal – o seu ditatorial ‘farás’. (FREUD, 1923, v. 19, p. 69).

Assim, no processo de dessexualização, e na sublimação¹¹, a fusão entre as pulsões que permitia a neutralização da pulsão de morte é desfeita. Podemos, a partir desse raciocínio, compreender por que o superego é severo e insulta, maltrata e humilha o ego. O superego seria, segundo Freud, uma “cultura pura do instinto de morte” (FREUD, 1923, v. 19, p. 68),

¹¹ O conceito é mencionado devido sua pertinência à explicação do processo de defusão pulsional. Recomendase, para aprofundar a compreensão do tema, a obra *Problemáticas III: A Sublimação* de Jean Laplanche, originalmente publicado em 1980.

resultante do processo de dessexualização ou sublimação que produziu a defusão pulsional. Nesse campo é que se coloca a dimensão cruel do superego, descrita no masoquismo moral, na culpa obsessiva e na autorecriminação melancólica. Essas ideias corroboram nossa hipótese da força clínica da pulsão de morte a partir da ideia de defusão, agressividade, sentimento de culpa e superego.

Tal hipótese nos parece relevante já que a observação clínica apresenta íntima relação com o desenvolvimento da teoria psicanalítica. Conforme buscamos compreender o inconsciente, nos resta sua apreensão, a partir da clínica, do analista, que direciona sua escuta e se propõe a desvelar os significados, até então, ocultos e, primordialmente daí, devem se pautar nossas teorizações. Carlos Roberto Drawin e Jacqueline de Oliveira Moreira (2019) dizem:

A atribuição universal do inconsciente, que o reconhece como uma dimensão de alteridade presente em todos os sujeitos, comporta uma implicação prática de grande relevância. Se o outro não tem acesso direto a si mesmo, ele também, do mesmo modo que ocorre em mim mesmo, só pode se conhecer por meio da interpretação dos signos que circulam nas interações simbólicas. (DRAWIN; MOREIRA, 2019, p. 19).

Procuramos apontar como em 1923 a observação clínica da agressividade e do sentimento de culpa tiveram papel fundamental no desenvolvimento do conceito de pulsão de morte. A partir de *O Ego e o Id*, podemos vislumbrar outras formas de manifestação da pulsão de morte na clínica, ampliando os substratos propostos em 1920 e pautando o conceito por teorizações menos apoiadas em argumentos biológicos e especulativos.

4 CONCLUSÃO

O objetivo deste artigo foi destacar, dentro do texto freudiano, que, a pulsão de morte, em sua primeira aparição, se relaciona de maneira mais coesa com os conceitos de compulsão à repetição, tendência à regressão e retorno ao inorgânico, nos filiando à leitura de Silva (2015), e defendemos que a agressividade, se torna um importante substrato do conceito de pulsão de morte a partir de 1923, com o sentimento de culpa aparecendo como fundamental chave de leitura do texto.

O sentimento de culpa nos permite apreender a agressividade como um substrato válido da pulsão de morte: seja a pulsão de morte em seu trabalho interno (compreendido a partir da relação do superego com o ego – onde é a própria expressão de tal interação, já que a violência do superego quanto ao ego é percebida neste sentimento de culpa), seja em sua obser-

vação clínica que o coloca como motivador de empreendimentos criminosos (agressividade encontrando um objeto exterior para fornecer um alívio para esse sentimento na psique).

Nossa hipótese é que, com o conceito de sentimento de culpa e a possibilidade de observação clínica deste afeto, Freud pode trabalhar com o conceito de pulsão de morte de maneira menos especulativa, possibilitando ampliar sua teoria e fortalecer a aproximação da pulsão de morte com a agressividade. É no momento em que a agressividade se encontra fortemente embasada em seu conceito de pulsão de morte que o autor consegue apreender o funcionamento desse novo dualismo pulsional, os processos de fusão e des fusão. Portanto, sem desconsiderar a relevância dos outros substratos da pulsão de morte já consagrados em 1920, ela ganha ainda mais força em 1923, quando aparece mais claramente vinculada à dimensão clínica e empírica do que às ideias abstratas.

Tal revisão teórica da literatura freudiana apresenta a limitação de não ampliar os conhecimentos sobre a pulsão de morte a partir da clínica psicanalítica contemporânea, ou seja, o trabalho em questão não investiga possíveis aparições da pulsão de morte em relação com a cultura do século XXI, nem contempla, por excelência, os desenvolvimentos da teoria psicanalítica feitos pelos autores pós-freudianos. Contudo, parece-nos interessante manter vivo o exercício de ler Freud, de forma a não simplificar demasiadamente sua teoria, não tê-la como acabada, nem esquecê-lo em detrimento de seus excelentes sucessores.

REFERÊNCIAS

DRAWIN, Carlos Roberto; MOREIRA, Jacqueline De Oliveira. A alteridade inscrita na identidade: uma problemática freudiana. In: KYRILLOS NETO, Fuad; MELO, Walter (org.). **Psicologia e subjetividade**: fundamentos conceituais e métodos de pesquisa. Belo Horizonte: UEMG, 2019. cap. 2, p. 11-32.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. Tradução de Jayme Salomão. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1913-1996. 24 v. v. 13.

FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes. Tradução de Jayme Salomão. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1915-1996. 24 v. v. 14.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. Tradução de Jayme Salomão. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1920-1996. 24 v. v. 18.

FREUD, Sigmund. O ego e o id. Tradução de Jayme Salomão. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1923-1996. 24 v. v. 19.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 9, n.º. 2, p. 219-227, mai/ago. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722004000200008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 30 de jul. 2019.

SILVA, Marcus Vinicius Neto. **A construção da pulsão de morte freudiana: um estudo histórico da formação do conceito a partir de suas fontes**. Montes Claros: Unimontes, 2015.

TAVARES, Pedro Heliodoro. As “derivas” de um conceito em suas traduções: o caso do trieb freudiano. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, v. 50, n.º. 2, p. 379-392, jul/dez. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132011000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 de jun. 2020.